

O grande Monteiro Lobato por José Lins do Rego

Bernardo Buarque de Hollanda, meu colega na FGV, organizou o livro *Melhores Crônicas de José Lins do Rego* e me presenteou com um exemplar. Encontrei esta bela crônica sobre Monteiro Lobato – um grande escritor e um grande brasileiro – e estou a disponibilizando no meu site. (LCBP, 18.3.23).

O GRANDE LOBATO

José Lins do Rego, 1954

Há 25 anos um fazendeiro chamado José Bento, de velha família de brasão, pois era neto do visconde de Tremembé, publicava um livro de contos. Tudo isto nada seria se este homem não se transformasse em Monteiro Lobato. O Sr. José Bento, de Santa Maria, em Taubaté, de repente assumiu uma posição incômoda para um fazendeiro de terras cansadas. Passara de plantador de café a criador de vida. O cafezal minguava na terra comida pela erosão, mas havia no território humano de Lobato um mundo de gente para nascer, para sofrer, para viver. *Urupês* foi o livro de quem queria salvar a terra. Há em todo ele o gemer do homem que se sente culpado de um crime monstruoso, o de ter se consumido na solidão. O homem de Monteiro Lobato é um ser vencido pelo desespero de estar só. É aí que está a grandeza de sua obra de criador. Quando ele pretende levantar mundos imaginários, criar homens diferentes dos seus homens, não é o grande escritor dos fracassados do interior paulista. Lobato foi, no Brasil, o primeiro escritor que deu à tristeza brasileira uma verdadeira grandeza. A nossa literatura regional, tirante Simões Lopes Neto, era de fraqueza de fazer pena. Lobato, que era da terra, imprimiu ao seu mundo de ficção a realidade de que fugíamos, com medo. Ele viu o brasileiro nu, na sua miséria, no seu pungir, na vil desgraça. Já Euclides da Cunha soltara o grito épico do *Os sertões*. Em Lobato, porém, o poder da análise, a força de ver, a sensibilidade de artista, não seriam como em Euclides uma enchente de tempestade. Lobato, mais do que Euclides, era uma criatura da terra. Euclides era homem da tragédia grega; Lobato era mais do romance russo. O escritor que lera Camilo Castelo Branco vinha para a literatura com uma marca de elevação que sempre nos faltou: com senso de humor. Aí está a superioridade de Lobato sobre o mestre Euclides. É que, enquanto o profeta tem arrancas de Jeremias, o outro tem um amargo sorriso, que é mais doloroso ainda que o desespero euclidiano. O grande escritor que saíra do fazendeiro de Taubaté se alimentava de um pessimismo fecundo, o pessimismo dos que tomam as dores do mundo como carga que é preciso carregar.

Lobato não é um escritor de muito agrado para o povo, e é, no entanto, popular. Razão esta que vem da sua verdade, da sua lealdade em fixar a vida de sua gente. "Jeca Tatu" se transformou em personagem brasileira porque há um pedaço dele em qualquer um de nós. Os que quiseram atribuir o sucesso de Monteiro Lobato às referências de Rui Barbosa, hoje já devem ter mudado de opinião. Havia no rapaz que estreava aquilo que é raro neste mundo de Deus: gênio criador. A vida que ele punha em relevo de forma, a gente, a terra, a miséria, as dores, as alegrias, o ridículo e a tristeza que o escritor tomara para matéria-prima, é hoje um mundo que superou ao tempo. O "Jeca Tatu" poderá se transformar no mais feliz rotariano, todas as terras mortas poderão renascer, mas a arte e o gênio do escritor já nos deram a sua existência, a sua vida real.

Já não existem almas mortas na Rússia, mas existe Gogol, eternamente.